

# REVISTA DAS IDEAS - 4

## IAHAN HUIZINGA — In the Shadow of to — Morrow (Heine- mann, Londres.

Este livro, que tem como sub-título «Diagnóstico do mal estar espiritual do nosso tempo», fluctua um tanto entre o subjectivo e o objectivo; e o autor, sem adoptar integralmente o determinismo fatalista, procura nas leis objectivas da história o seu apoio.

Huizinga pensa, é a época de transição que conduz do mundo antigo á Edade Média; mas que esta analogia é incapaz de nos elucidar sobre a natureza verdadeira da crise actual. Não estou de acôrdo com o autor; mas os pontos de vista por êle formulados, pelo seu grande interesse, estão a ser discutidos num esquisso sobre a «Crise actual da Europa», que tem como prefácio um «Esquisso de uma teoria bio-mecânica da história», que está a publicar-se neste mesmo quinzenário. Ser-nos-á então mais fácil discutir as opiniões do autor. Por agora limitamos-nos a recomendar ao leitor a leitura deste livro, bem como o titulo «Déclén du moyeu âge», cujo original holandês se intitula (Herfsttij der Middeleeuwen, Haarlem, 1928).

## Adeodato Barreto — CIVILIZAÇÃO HINDU

Adeodato Barreto procura dar-nos neste livro um panorama sintético da civilização hindú. Tarefa difícil, porque o indianismo hoje, como diz Masson-Oursel, «é o nome de um tão vasto domínio que a vida e as forças de um só homem não bastam para abarcá-lo». Além disso, como diz o mesmo autor, «o indianismo atraiu à sua órbita o conhecimento da Ásia Central, do Extremo-Oriente e mesmo, desde o probléma dos Hititas o conhecimento da Ásia-Menor. Com os estudos iranianos já estava ligado há muito tempo. Bem depressa o termo indianismo se tornará tão vago como seria por exemplo o de europeísmo ocidental ou qualquer termo deste genero... Antigos problemas, momentaneamente desprezados, apresentam-se de novo ao exame dos sábios... A época é de verificações, de duvidas e de novas inves-

tigações sob bases imprevistas, com novas direcções. Vivemos um momento de uma actividade tão exaustiva como ouzada».

Não é uma síntese ou resumo do estado actual do indianismo que Adeodato Barreto nos dá no seu livro, mas uma espécie de apologia irrealizante, fillada no interesse romantico que despertou na Europa William Jones e de que Goethe, com o seu famoso distico sobre Çakountalâ, é um dos expoentes. Este entusiasmo romantico pela Índia exarcebou-se com a actual crise da Europa, exactamente como outróra a Grécia decadente se encheu de entusiasmo romantico pelo Oriente.

Desta forma o livro de Adeodato Barreto dá-nos da Índia apenas o lado brilhante da medalha, e esquece o reverso: e assim é distribuido de verdadeiro valor objectivo. As misérias da Índia são tão «brilhantes» como o lado favoravel da sua civilização. E os indologistas modernos, mesmo aqueles que mais simpatia professam pelo grande país, não as occultam. «Esta existência miseravel da imensa maioria dos Hindús explica certas formas do seu pensamento que atestam o estudo da religião individual e da reflexão filosófica. Impôs um pessimismo doloroso, um ódio da vida, pelo menos nas castas não privilegiadas; supriu—por transposição do facto em ideal—a convicção que a alimentação rarefeita, ou que a actividade diminuida, eram meios de salvação. Ao contrário do brahman, que se erige em divindade a qual todos as honras são devidas, e provelos ascetas materialistas, negadores do pharma, os votans desdenhosos do culto, mas fanáticos de maceração, os monjes fainas ou budistas, que individualmente, não possuem nada, propõem formas de vida relleiosa para as quais o dinheiro não conta. Muito dispendiosos os sacrificios só são accessiveis aos ricos. A marrem de uma ortodoxia aristocrática vão formar, ardentés e audaciosos, as seitas não-pocnidoras. Não procuram mudar a ordem social, mas outorgam-se compensações prestiosas, incomparaveis vizeanças na ordem espiritual. E não tendo bens suficientes para alcançar os favores dos deuses, dispensarão qualquer culto, ou então professam que o único sacrificio juridico, consiste quer em conhecer, quer em amar». (Monne-Oursel *l'Inde Antique et la Civilisation Indienne*).

Os quadros de miséria moral, social, intelectual e politica que nos oferece o panorama histórico da Índia não são menos do que os da Chaldéa, da Impia, de Roma ou da actual Europa; em certos pontos mesmo, excedem-nos, atingindo ás vezes o delírio, como no Tautismo.

E o panorama intelectual, apesar da riqueza tropical da sua metafisica, não é tambem, quando imparcialmente analizado, tão brilhante como parece. Essa riqueza é indiscutivel, ninguém a

nega; mas o exame imparcial do quadro revela factores negativos, que em muito diminuem as primeiras impressões. Os trabalhos modernos e contemporâneos têm rectificado muito exagero dos trabalhos já antigos e reposto a questão num terreno mais objectivo, menos romantico. De resto estamos ainda muito longe de poder formular conclusões definitivas sobre estes assuntos. Como diz um indianista célebre, La Vallée Poussin: «A tarefa do indianista, se é mais interessante, é sensivelmente mais delicada do que a do historiador das disciplinas e das instituições do Mediterrâneo ou dos tempos modernos. O pensamento indiano ou budista defende-se com linguas complicadas em que se exprime ou em que foi traduzido. Defende-se tambem com semelhanças ou desemelhanças que apresente com o pensar que nos é familiar, com o nosso pensamento. O Avatara não é a Incarnação; o Nirvâna nem é o Céu nem é o Nada; o dhyana não é o extasis; o recolhimento em que pensamento e sensação são suspensos não é puramente a inconsciência; a santidade budista, que tem por cortejo a benevolência e a piedade, não é a santidade do Ocidente. Da mesma maneira que a perspectiva janopeza não é a nossa perspectiva, assim a estética hindú não é uma estética. Por que se leu e traduziu, Deus sabe com que aproximação, os Eritras, ou escritas canónicas, e se entre-abriu a Biblioteca dos Câstras que são um pouco a Patologia e as Sômas budistas, não esteíamos seguros de que comprehendem o Budismo e os budistas; que adquirimos o feliz privilegio de ver, ou um em sua regência, as ideias tais como foram pensadas com todas as suas harmónicas; que estamos em circunstâncias de iluminar a uma descrição do Budismo com justa protecção de luz». E La Vallée Poussin, depois de um longo exame conclue, a propósito do Budismo: «eu faire un rationalisme, c'est s'interdire d'y rien comprendre». (La Vallée Poussin, *Le Bouddhisme, Avant-Propos*).

Reparos identicos poderíamos fazer sobre muitos outros pontos do livro um tanto superficial de Adeodato Barreto, mas falta-nos para isso o espaço. Faremos notar, apenas, que não se podem hoje estabelecer certos paralelos entre as concepções scientificas da Índia e as occidentais, grégas ou europeias (Cf. Abel Rey, por exemplo). Estes paralelismos superficiaes tem dado margem a constantes confusões.

Em suma, a Salvação não está na Índia, como não está na China ou no Japão; mas nas forças potenciaes que a humanidade contém em si:—assim foi sempre, e assim será: os remedios à pionisticos são para retopia. O que não significa que não continue, atravez da história, a eterna lucta do Ideal com o Real, do homem em continua tensão para um sistema de Ideals-limites.